

SOBRE O CONCEITO DE SAÚDE ÉTICA NA ANTIGA MEDICINA GREGA

Juliana Porfírio Guimarães da Cruz¹
Emmanoel de Almeida Rufino²

INTRODUÇÃO³

O presente estudo objetiva desenvolver um estudo sobre o conceito greco-antigo de *saúde ética* e suas implicações na cultura médica dessa civilização. Objetivando, portanto, compreender o horizonte de sentido subjacente à concepção de *saúde ética* na medicina desenvolvida na Grécia Antiga e suas implicações à prática médica, organizamos nosso estudo em duas etapas específicas de análise: primeiramente, examinamos como os conceitos de saúde, doença e terapia eram concebidos na Antiguidade Grega, antes e depois de Hipócrates (o pai da medicina “científica”) dessa civilização. Em seguida, analisamos as razões pelas quais essa cultura associava os conceitos de saúde e ética e quais as repercussões práticas dessa concepção no universo da atividade médica daquela época.

No campo metodológico, esse movimento crítico-analítico nos colocou diante do “espírito” cultural da *paideia* grega (subjacente à medicina da época, porque essas concepções médicas pressupunham um diálogo entre várias perspectivas do conhecimento humano – filosofia, mitologia, matemática, música, etc.), de modo que acessamos obras que nos conectam não só à medicina, mas também essa tradição da *paideia*. A título de relevância, mesmo diante dos avanços na ciência médica moderna e contemporânea, ainda vivemos grandes desafios no campo da qualidade de vida, de modo que uma revisitação à concepção de saúde, doença e terapia que estão na base da cultura ocidental (a saber, na Grécia e no Egito), nos oferece muitos subsídios para questionarmos a amplitude da certeza de que atualmente vivemos melhor.

Diante disso, algumas conclusões despontam de nosso estudo, dentre elas: as causas do adoecimento humano não são só fisiológicas, mas psicossomáticas. Adoecem aqueles que vivem de modo desarmonioso consigo, com os outros e com o mundo. Por isso, a saúde ética era um princípio terapêutico fundamental, pois quem vive uma vida desapaixonada e desapaixonante, adocece. O adoecimento do corpo é um alerta do destino, um sintoma de desequilíbrio ético (modo como o sujeito se comporta diante da vida).

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Este estudo foi desenvolvido à luz de uma metodologia de cunho teórico, o que justificou nosso uso estrito de materiais bibliográficos. Assim sendo e considerando os objetivos específicos supracitados, assim organizamos a estratégia metodológica deste estudo bibliográfico: no primeiro momento de nosso estudo, ao examinarmos como os conceitos de

¹ Estudante do Curso Técnico em Eletrotécnica Integrado ao Ensino Médio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba - IFPB, julianaporfilho13@gmail.com;

² Doutor em Educação pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB; Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba - IFPB, emmanoel.rufino@ifpb.edu.br.

³ Este artigo é consequência das investigações que desenvolvemos no âmbito do projeto “Estudo crítico dos conceitos contemporâneos de saúde, doença e terapia à luz da antiga medicina ocidental de matriz greco-egípcia” PIBIC-EM 2019 (Projeto Institucional de Bolsas de Iniciação Científica para o Ensino Médio), sob o fomento do IFPB e do CNPq, a quem prontamente agradecemos os incentivos.

saúde, doença e terapia eram concebidos na Antiguidade Grega, antes e depois de Hipócrates (o pai da medicina “científica”), remetemos nossas leituras às obras de Bynum (2011), Canuto (2009), Hipócrates (2002), Salis (2007). Por ocasião do segundo escopo específico de nosso estudo, ao analisarmos as razões pelas quais essa cultura associava os conceitos de saúde e ética e quais as repercussões práticas dessa concepção no universo da atividade médica daquela época, o fizemos baseando nossa investigação especialmente nas obras de Jaeger (2001) e Canuto (2009).

A opção que fizemos por essas obras – a fim de viabilizar o movimento crítico-analítico que julgamos adequado à consecução do objetivo geral deste estudo – nos possibilita acessar o “espírito” cultural da *paideia* grega que subjaz a cultura médica da Grécia Antiga. Conhecer as “razões” dessa medicina pressupõe o conhecimento da influência que outras áreas do conhecimento tinham no horizonte da concepção de saúde, doença e terapia (já que os processos de cura respondiam a essa diversidade de áreas, como podemos ver, por exemplo, nos centros de cura da Antiguidade, como em Epidauro, onde havia um teatro e um ginásio, sinalizando a áreas como a mitologia, a filosofia, música, a educação física e etc.).

DESENVOLVIMENTO

Nesse sentido, iniciamos a fundamentação dos pressupostos teórico-metodológicos deste estudo destacando que se atualmente a “saúde” é tema quase sempre pensado como restrito à medicina (enquanto ciência moderna que, em sua especialização técnica, requer para si os meios de prevenção e cura), os sábios da medicina grega viam a saúde de modo mais ampliado, porque entendiam sua conquista/manutenção como resultado de uma *tekhné*⁴, mas não no sentido moderno e restrito de *técnica*, e sim de uma arte do diálogo com a complexidade física e metafísica da vida humana, o que contempla várias áreas do conhecimento (HIPÓCRATES, 2002).

Esse entendimento transpõe os limites de compreensão e intervenção da importante medicina científica moderna. Ora, como – junto a uma tradição extensa de sábios gregos – advertia Hipócrates (CANUTO, 2009; HIPPOCRATE, 2003), pensar a saúde significa compreender que ela compromete não só os indivíduos e seus corpos, mas sua *psyché*, suas relações com os outros e com o *cosmos*. Aliás, tal motivo fez esse pensador desenvolver uma série de postulados médicos para diagnósticos, prognósticos e procedimentos de cura considerando a relação de indissociabilidade entre mente e corpo, e entre a condição psicossomática do humano e do seu entorno cósmico (considerando as dinâmicas/forças que regem a natureza), como vemos no tratado *Sobre a natureza do homem* e a doutrina dos quatro humores (REALE; ANTISERI, 1990, p. 119-121), antecipando, aliás, em muito, a leitura newtoniana do universo, para quem os corpos microscópicos e macroscópicos estão submetidos às mesmas leis naturais (WHITEHEAD, 2006).

Para essa antiga tradição e diferentemente da maneira mecanicista que a medicina moderna assumiu em sua interpretação da relação saúde-doença, o adoecimento é também um reflexo do modo de vida desarmônico que se estabelece com o meio em que se vive e mais: repercute uma forma desapaixonada de ser, uma perda de sentido e vontade de agir. Por isso, não estranha ter sido o próprio Hipócrates o autor de máximas médicas como “quem não ama, adoce” (HIPÓCRATES, 2002, p. 37). e “quem se afasta de sua verdade está condenado a

⁴ Nos primórdios mítico-filosóficos da cultura ocidental, uma *tekhné* era compreendida como *arte*, ou melhor, como uma ação humana que vertida a fins práticos ou *poiéticos*, nunca está alienada em relação ao indivíduo que a realiza, como parece acontecer com a noção moderna de técnica, que assume um protagonismo, em seu pendor objetivista (GALIMBERTI, 2005, p. 20). A medicina era uma *tekhné* porque sua atividade curativa partia do entendimento filosófico do ser humano em relação à natureza interior e exterior a ele; ou seja, a intervenção “técnica” demandava uma leitura holística do sujeito doente, buscando entender as causas de seus males.

padecer” (SALIS, 2007). Para evitar, portanto, uma vida desarmônica consigo e com o meio, ou seja, uma vida apática (palavra proveniente do grego: *apathos*, sem paixão/amor), os gregos assumiam um princípio caro às escolas dos mistérios do Egito em seus processos terapêuticos de iniciação (SALIS, 2007): o autoconhecimento. Buscar aquilo que de si mesmo se perdeu nos rumos da existência era concebido como ponto de partida para a reversão da patologia (termo, aliás, proveniente de *pathos*). Não por acaso, é possível estabelecer laços fortes entre tal noção e a filosofia do autoconhecimento de Sócrates⁵ (DUHOT, 2004), a mensagem religiosa inscrita na entrada do templo de Delfos (SALIS, 2007) e a existência de espaços de meditação (os *kymitirions*) dentro dos antigos centros de cura da Grécia (em Epidauro).

De modo distinto do ideário terapêutico da medicina moderna, a antiga medicina grega concebia o “paciente” como uma totalidade complexa e parte ativa no processo de cura, como podemos notar em Hipócrates, para quem o centro do processo de cura está no sujeito (HIPPOCRATE, 1990), de modo que é mais urgente conhecer o doente do que o tipo de doença que ele porta (função primaz do médico, que como terapeuta, deve “abrir portas”, conforme sugere o significado do termo grego “terapia”). Em outras palavras, até hoje a medicina ocidental ainda mantém laços com uma concepção cartesiana de tratamento da doença como mera manifestação corpórea – já que para Descartes (2006) o corpo é uma máquina – e com uma noção de que os doentes são meros pacientes (passivos) no processo. Tal compreensão está na contramão da perspectiva grega (que se consolidou na medicina hipocrática) de que o processo terapêutico de cura depende do envolvimento do sujeito adoecido e toca dimensões psicossomáticas do humano. Assim, para proceder em direção à cura, o médico deve conciliar o tratamento do corpo com o da alma (*psyché*) do “paciente” (que, na verdade, também é “agente” no processo), já que o corpo reflete um modo saudável ou doente de relação com a vida e já que a estrutura simbólica que compõe a nossa *psyché* é influente nos “humores” do corpo, a ponto de fluir todas as suas energias de modo positivo ou negativo em toda a realidade de vida como tal.

Essas ponderações nos mostram que, para além dos procedimentos previstos à ação terapêutica, a medicina grega exigia que os médicos fossem sensíveis à polissemia do humano, comunicando-nos – como a eles – uma importante admoestação: a necessidade inviolável de se rever o nível de humanização e de eticidade dos processos médicos com o avanço da técnica; ora, se na tradição médica grega a descrição dos sintomas e a intervenção curativa eram baseadas nos dados observados na relação empática com o doente, na medicina moderna os diagnósticos e prognósticos tenderam a prescindir dessa relação, em detrimento da leitura físico-matemática do fenômeno observado.

Concebendo, pois, a ideia de saúde como uma conjunção de fatores físicos e metafísicos que envolvem o sujeito, essa revisitação aos antigos sábios da medicina antiga nos levará a reflexões com os mesmos campos do saber que eles ousavam dialogar, a saber, a filosofia, a religião, a astrologia, as artes (como o teatro, espaço sagrado de cura, na essência do termo), a educação física (já que ginásios – *gymnásium* – compunham os centros de cura), etc. Por esse caráter interdisciplinar, aliás, o helenista Werner Jaeger (2001) afirmou a distinção dessa antiga tradição terapêutica, fazendo – no entanto – um alerta à medicina do século XX d. C.: “Apesar de tão evoluída, a Medicina dos nossos dias, fruto do renascimento da literatura médica da Antiguidade clássica na época do humanismo, é, pela sua especialização rigorosamente profissional, algo de totalmente distinto da ciência médica antiga” (2001, p. 1002). Deste modo e em revisão ao que dissertamos até aqui, a discussão que projetamos se alargará para além da medicina em seu caráter técnico, “científico”,

⁵ Enquanto *tekhné*, a medicina grega estava associada à arte de viver e amar e manteve estreitos laços com a filosofia jônica e com o pensamento socrático-platônico. Sua abordagem da saúde partia da compreensão da complexidade humana, em suas relações com a realidade a ele circundante.

exigindo-nos um diálogo com diversas áreas do conhecimento e por diversas nuances da existência humana. Nesse processo, certamente muito se haurirá de saberes potencialmente ricos à qualificação do que hoje concebemos como medicina e vida saudável.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O fato de termos alcançado um progresso tecnocientífico distinto no horizonte da medicina nos últimos séculos e de termos visto a expectativa de vida humana ter aumentado consideravelmente, tal desenvolvimento não trouxe em sua esteira uma melhoria absoluta na qualidade de vida dos sujeitos no que concerne à configuração dos nossos hábitos de vida saudável. Apesar do desenvolvimento qualificado e numeroso de remédios e procedimentos médicos, ainda vivemos numa sociedade bastante doente. Stress, depressão, síndrome do pânico, são apenas alguns exemplos de problemas cuja gravidade patológica vem assumindo preocupação recente para a literatura médica que, apesar disso, ainda esbarra na racionalidade moderna e cartesiana que ainda lhe inspira e que limita sua potência de compreender esse processo e de intervir nele.

A medicina ocidental moderna concentrou seu foco em remediar doenças no âmbito somático (corpóreo) do humano, em detrimento ao entendimento complexo – tão arraigado na base grega da medicina ocidental – de que o adoecimento e a cura dos indivíduos se revela na complexidade psicossomática de sua existência (SALIS, 2004, p. 10-15). Os gregos consideravam que o corpo não é um mero organismo maquinal, tal como considerarão os modernos, inspirados em Descartes. O corpo só se entende em sua conexão com a mente humana e ambos só se podem compreender num complexo maior, já que a compreensão da saúde humana depende uma percepção holística do seu ambiente vivido e do seu modo de viver. O conceito de saúde ética pressupõe que muitas das doenças que despontam no corpo apenas sintomatizam descompassos existenciais, formas de vida adoecedoras: pensando os dias de hoje, podemos enxergar isso em pessoas que vivem – por exemplo – dietas extremas em vista da saúde, mas que saem nos seus carros estressando-se no trânsito tendendo a adoecer, ou em pessoas que abandonam seus/suas talentos/paixões em nome de uma vida mais confortável economicamente e tendem a adoecer, pois gastam suas energias vitais em atividades desapaixonadas e desapaixonantes. Assim se entendia o conceito de *saúde ética*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À guisa de conclusão, assim sintetizamos aqui os principais achados de nossa análise. As causas do adoecimento humano não são só fisiológicas, mas psicossomáticas. Adoecem aqueles que vivem de modo desarmonioso consigo (suas paixões, especialmente), com os outros e com o mundo. Por isso, a saúde ética era um princípio terapêutico fundamental, pois quem vive uma vida desapaixonada e desapaixonante, adoece. O adoecimento do corpo é um alerta do destino, um sintoma de desequilíbrio ético (modo como o sujeito se comporta diante da vida). Além disso, a *psiqué* humana deve estar conectada com a *psiqué* cósmica, de modo que o adoecimento do corpo é um alerta do destino, um sintoma de desequilíbrio. Em outras palavras, quem não vive uma vida harmônica com o meio em que se insere tende a adoecer, além do fato de que quem não dá uma melhor de si para si e para os outros também não vive conforme seu destino. Aliás, quem abandona seus talentos e seu destino cósmico, vive em descompasso ético com seu pendor existencial, atentando contra sua saúde ética.

Palavras-chave: Medicina antiga, Paideia grega, Saúde ética.

REFERÊNCIAS

- CANUTO, Ângela (Org.). **Aprendendo com Hipócrates**. Maceió: EDUFAL, 2009.
- DESCARTES, René. **Discurso do Método**. Trad. Paulo Neves. Porto Alegre: LP&M, 2006.
- DUHOT, Jean-Joël. **Sócrates ou o despertar da consciência**. Trad. de Paulo Menezes. São Paulo: Loyola, 2004. (Coleção Leituras Filosóficas).
- GALIMBERTI, Umberto. **Psiche e Techne: o homem na idade da técnica**. São Paulo: Paulus, 2005.
- HIPÓCRATES. **Conhecer, cuidar, amar: o juramento e outros textos**. São Paulo: Landy, 2002.
- HIPPOCRATE. **De l'Ancienne Médecine: Oeuvres complètes**. Tome II, première partie. Texte établi et traduit par Jacques Jouanna. Paris: Les Belles Lettres, 1990.
- _____. **La Maladie Sacrée**. Tome II, 3e partie. Texte établi et traduit par Jacques Jouanna. Paris, Les Belles Lettres, 2003.
- SALIS, Viktor David. **A cura na antiga Grécia: palestra na Escola Paulista de Medicina**. São Paulo: Ed. Universidade Falada, 2007. (Áudiolivro).
- WHITEHEAD, Alfred North. **A ciência e o mundo moderno**. São Paulo: Editora Paulus, 2006.